

PREVALÊNCIA DE ALEITAMENTO MATERNO EXCLUSIVO E MOTIVOS DA NÃO EXCLUSIVIDADE EM PACIENTES DE UM AMBULATÓRIO DE PEDIATRIA

Nathália Cogo Bertazzo¹; Paulo de Jesus Hartmann Nader²; Júlia Cristina Dani Terraciano¹; Luyze Homem de Jesus¹; Luísa Russo Soares¹ e Annie Cavinatto¹.

1 – Acadêmicas do Curso de Medicina da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) – Canoas;
2 – Professor orientador da Liga Acadêmica de Pediatria do Curso de Medicina da ULBRA;
Contato da autora correspondente: nbertazzo3@gmail.com



INTRODUÇÃO:

O leite materno (LM) é indicado exclusivamente nos primeiros 6 meses de vida (1,2). Nesse período, o LM possui os nutrientes necessários para o desenvolvimento e crescimento plenos da criança e proteção contra doenças infecciosas (2,3). Além disso, a amamentação exclusiva durante o primeiro semestre também implica benefícios a longo prazo (4).

OBJETIVOS:

Avaliar a prevalência de aleitamento materno (AM) e aleitamento materno exclusivo (AME) em pacientes de um ambulatório de pediatria, além de analisar os motivos da não exclusividade do aleitamento.

MÉTODOS:

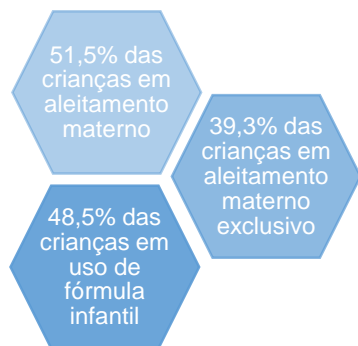
Estudo descritivo transversal composto por amostra de pacientes de até 6 meses de idade do ambulatório de pediatria do Hospital Universitário de Canoas, Rio Grande do Sul. Aplicou-se um questionário de múltipla escolha respondido pelos pais dos pacientes com perguntas referentes à alimentação da criança no dia anterior a participação na pesquisa. Os dados foram analisados estatisticamente através do Software R. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, CAAE 11451519.6.0000.5349, parecer 3.361.784.

RESULTADOS:

A amostra foi composta por 66 crianças, com idade média de 2,27 meses e maioria (53%; 35) do sexo masculino. O peso médio ao nascer foi 2730 gramas e o tipo de parto mais comum foi o cesáreo, em 54,5% (36) dos casos. O número médio de filhos encontrado entre os pais respondentes da pesquisa foi de 1,8. Acerca do grau de escolaridade, a maioria, que correspondeu a 28,8% (19), possuía ensino médio completo e a minoria, 10,6% (7), possuía ensino superior completo.

Em relação ao AM, 51,5% (34) da amostra foi amamentada no dia anterior à pesquisa, 39,3% (26) encontrava-se em AME, 48,5% (32) das crianças estavam em uso de fórmula infantil e nenhuma utilizou leite de vaca e outros tipos de leite.

Entre os líquidos e alimentos ofertados, encontrou-se: água em 9,1% (6) das crianças; chás em 15,2% (10); verduras ou legumes em 3% (2) e frutas por 1,5% (1), assim como comidas salgadas (como papas, sopas, entre outras). Nenhuma criança recebeu carnes (de qualquer tipo), refrigerantes ou sucos industrializados, bolachas, balas, pirulitos e demais guloseimas.



CONCLUSÃO:

Concluiu-se que, nesta população, a prevalência de AM foi de 51,5% enquanto que a de AME foi de 39,3%. Este dado é semelhante aos encontrados na literatura que mostram uma taxa de AME de 41% no Brasil e de 38,2% no Rio Grande do Sul. Os motivos mais comuns da não exclusividade do aleitamento foram a introdução precoce de líquidos e o uso concomitante ao AM de fórmulas infantis.